

A mulher negra na sociedade e nos romances brasileiros: de personagens estereotipadas a escritoras celebradas e premiadas

Black women in Brazilian society and novels: from stereotyped characters to celebrated and award-winning writers

*Geandra Karla de Avelar Côrtes**, *José Elias Pinheiro Neto**

**Universidade Estadual de Goiás (UEG)*

Resumo: Literatura e sociedade sempre tiveram seus encontros. Se questões importantes da sociedade, como gênero e raça, se movem, na literatura não seria diferente. O romance em sua origem europeia está fortemente atrelado à ascensão da burguesia e seus costumes. No Brasil o romance surge como leitura da burguesia e pertencente à elite nacional. Com o passar dos anos o romance mantém a predominância do mesmo perfil em sua autoria. O negro ocupa lugar de objeto de estudo, sendo construído muitas vezes como personagens estereotipadas: o negro malandro, a negra doméstica, serviçal, a mulata atraente e sexualizada. Ao que se refere às mulheres, se para essas, o processo de construção do espaço como autoras de romance apresentou suas dificuldades, para as mulheres negras se tornou espaço raro, refletindo o que acontece no contexto social em outras tantas áreas. Este artigo busca compreender os motivos da pouca escrita de romances de autoria feminina negra no Brasil e o apagamento pelo qual diversas obras passaram, além do surgimento de um movimento de resistência que nos apresenta, hoje, um número muito maior de obras dessas autoras.

Palavras-chave: Sociedade. Romance. Escrita feminina. Autoria negra.

Abstract: Literature and society have always had their encounters. If important issues of Society, how gender and race move themselves, in literature it would not be different. The novel in its European origin is strongly linked to the rise of the bourgeoisie and its customs. In Brazil, the novel appears as a reading of the bourgeoisie and belongs to the national elite. Over the years, the novel maintains the predominance of the same profile in its authorship. The black people occupy the place of an object of study, often being constructed as stereotyped characters: the black rascal man, the domestic black woman, the servant, the attractive and sexualized mulatta. With regard to women, if for them, the process of building space as authors of novel presented their difficulties, for black women it became a rare space, and reflects what happens in the social context in so many other areas. This journal seeks to understand the reasons for the lack of writing of black female author novels in Brazil and the erasure that several works have gone through, in addition to the emergence of a resistance movement that today presents us with a much larger number of works by these authors.

Keywords: Society. Novel. Female writing. Black authorship.

Introdução

“A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é alguma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. Escrever e ser reconhecido como um escritor ou como escritora, aí é um privilégio da elite”. (Conceição Evaristo, 2010)

“Para nós mulheres negras, escrever e publicar é um ato político”. (Conceição Evaristo, 2017)

Barthes (1999 [1966], p.33) afirma que o escritor é o que fala no lugar do outro. O escritor de romances é o que dá voz a um coro de vozes por meio de suas personagens ficcionais, utilizando para isso diversos tipos de narradores. Nos romances, a contação da história é feita a partir do escritor narrando a história do outro, por meio da ficcionalidade. Desde seu surgimento, o romance aparece fortemente ligado à ascensão da burguesia e seus costumes. No Brasil, o romance vai surgir no século XIX também com pertencimento à elite nacional e como leitura da burguesia. Então será esse o outro, que a princípio, terá a sua fala trazida para a literatura: o burguês e seus costumes.

A literatura sempre foi vista como poder, “poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação” (CUTI, 2010, p. 12). O que se busca, além da possibilidade de dizer sobre o mundo, sociedade e si próprio, é ter visibilidade dentro de todos esses espaços e lugares – mundo, sociedade e si próprio. Por isso, hoje, existe uma grande movimentação no sentido de legitimar o lugar de fala também dentro da literatura, o que pode vir a gerar um desconforto na escrita que sempre existiu. É a partir dessa movimentação que surgem as novas vozes, as novas possibilidades e as novas formas de se fazer e de pensar a literatura brasileira.

Apesar de toda essa movimentação em pensar os grupos minoritários dentro da literatura brasileira contemporânea, existe ainda a predominância de um perfil específico e hegemônico. Uma pesquisa de mapeamento do romance brasileiro, intitulada: A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004, realizada na Universidade de Brasília, nos contextualiza sobre o perfil da autoria do gênero publicado pelas grandes editoras do Brasil e nos dá uma perspectiva do porquê se pensar em uma autoria dessas minorias.

Todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos (de 1990 a 2004), 120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,7%. Mais gritante ainda é a homogeneidade racial:

93,9% dos autores são brancos. Mais de 60% deles vivem no Rio de Janeiro e em São Paulo. Quase todos estão em profissões que abarcam espaços já privilegiados de produção de discurso: os meios jornalístico e acadêmico. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 147).

Os problemas existentes na literatura brasileira podem ser pensados a partir de diversos lugares e sob diferentes aspectos. Pensar o lugar de fala nos romances brasileiros, sob a autoridade da autoria feminina negra é uma das possibilidades para pensarmos novas problemáticas literárias. Assim, a construção das personagens, do narrador e até mesmo o espaço da crítica literária, vem ao encontro da busca pela autenticidade dessas vozes e que foram por tanto tempo silenciadas, de forma que outros grupos não precisem lhes ‘representar’ para que somente assim a sua literatura seja legitimada.

A escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2019) nos aponta os perigos da história sob um único ponto de vista: “a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (ADICHIE, 2019, p. 26). Reconhecer-se em uma representação artística, como a literatura, é dar legitimidade a grupos sociais e se apenas um grupo está sendo representado, está contando essa história, não haverá pluralidade e diversidade nessa representação. “As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar” (ADICHIE, 2019, p. 32).

Dessa forma, ao trazermos a mulher negra brasileira como escritora e intelectual na contemporaneidade, temos a literatura negro-brasileira “como um lugar para repensar a realidade social em crise, e ainda mais, atua como espaço de reflexão para problematizar as relações sociais e culturais assimétricas e iníquas que têm perpetuado divisões de gênero e étnico-raciais ao longo da história do Brasil” (SANTOS, 2018, p. 234).

Na metodologia desse trabalho realizaremos um percurso pela literatura negro-brasileira, ressaltando os primeiros nomes de autores negros a se embrenharem pela ficção, assim como as primeiras romancistas negras brasileiras e seus apagamentos na historiografia literária. Esse estudo traz como objetivo conhecer os caminhos pelos quais a literatura negro-brasileira perpassa para chegar aos dias atuais, com uma grande movimentação e reconhecimento em torno de autoras negras brasileiras.

1 Enegrecendo a literatura brasileira

As primeiras inquietações acerca da produção literária realizada no Brasil pelos

negros africanos, aqui escravizados, e seus descendentes foram feitas por estudiosos estrangeiros. “A literatura negro-brasileira, do sussurro ao grito, vem alterando para isso, ao buscar seus próprios recursos formais e sugerir a necessidade de mudança de paradigmas estético-ideológicos” (CUTI, 2010, p. 12). Pensar o surgimento de personagens negras não estereotipadas, de autores e leitores negros, é pensar também em novos elementos incorporados à literatura brasileira. “As rupturas desse círculo têm sido realizadas principalmente pelas suas próprias vítimas e por aqueles que não se negam a refletir profundamente acerca das relações raciais no Brasil” (CUTI, 2010, p. 25).

Importante ressaltar que a literatura brasileira era feita para leitores brancos e para uma crítica literária também branca. Com o tempo, uma pequena mudança nessas estatísticas foram acontecendo, e com isso o negro quis dizer-se negro.

Quando o escritor negro, pela primeira vez, quis dizer-se negro em seu texto, deve ter pensado muito na repercussão, no que poderia atingi-lo como reação ao seu texto. Dizer-se implica revelar-se e, também, revelar o outro na relação com o que se revela. O branco, como recepção do texto de um negro, historicamente foi hostil. Vencer essa hostilidade lastreada na postura de quem não se dispõe a dividir o poder com alguém que, por quatro séculos, teve o mínimo de poder é a grande aventura do escritor negro que se quer negro em sua escrita. (CUTI, 2010, p. 51)

Lima Barreto (1881-1922) foi um dos precursores a demonstrar por meio da escrita de romances a sua condição de homem negro, reivindicando para si a identidade junto aos discriminados. Porém, a literatura feita por brancos continuou enfatizando a imagem do negro de forma estereotipada, por meio da construção de personagens que apontam para a miséria da população negra.

É uma construção imagética que faz uso de características como hipersexualização, desajustes morais e psíquicos e ausência de beleza, na busca de sustentar uma equivocada inferiorização da população negra. Ainda para o pesquisador CUTI, “o surgimento da personagem, do autor e do leitor negros trouxe para a literatura brasileira questões atinentes à sua própria formação, como incorporação dos elementos culturais de origem africana no que diz respeito a temas e formas” (2010, p. 11).

O trabalho dos negros brasileiros se faz presente em praticamente todos os campos artísticos, desde o período colonial, já o reconhecimento nem sempre se fez presente, e na literatura não acontece diferente. Para Fernanda R. Miranda (2019), a literatura, a história e a sociologia apresentam “mais proximidades do que distâncias, e a obra literária, sabemos, é um meio tanto para aprendermos dinâmicas históricas não documentadas em outros suportes

quanto para entendermos diversos aportes das engrenagens sociais em interação na sociedade”. O pesquisador Eduardo de Assis Duarte (2004) aponta que,

No caso da literatura, essa produção sofre, ao longo do tempo, impedimentos vários à sua divulgação, a começar pela própria materialização em livro. Quando não ficou inédita ou se perdeu nas prateleiras dos arquivos, circulou muitas vezes de forma restrita, em pequenas edições ou suportes alternativos. Em outros casos, existe o apagamento deliberado dos vínculos autorais e, mesmo, textuais, com a etnicidade africana ou com os modos e condições de existência dos afro-brasileiros, em função do processo de miscigenação branqueadora que perpassa a trajetória desta população. (DUARTE, 2004).

Importante observar que a escrita negra se mantém sob fogo cruzado ao que se refere a sua temática, pois se apresenta como tema central e recorrente os assuntos relacionados ao povo negro, o autor é acusado de escrever sobre tema único, mas caso o autor não trate da questão de cor e raça, é acusado de se omitir e de não representar o negro. Entre teóricos como CUTI e Eduardo de Assis Duarte, que se debruçam nos estudos sobre a escrita literária negra, existe um entendimento que a literatura negra brasileira é construída justamente em suas especificidades.

É a partir dessas especificidades que a construção da literatura negro-brasileira é alicerçada. Autores de diversas épocas, que escrevem de diversas formas, dá a pluralidade de toda essa obra, que cada vez mais, vem crescendo em número de publicações e leitores. Partindo de um contexto social brasileiro onde as mulheres negras possuem pouco acesso aos estudos e por consequência à literatura, direcionamos nossa pesquisa no sentido de pensar como a romancista negra brasileira caminhou desde o princípio até os dias atuais, com uma maior representatividade nas publicações brasileiras.

2 Mulheres negras na escrita de romances brasileiros

Em seu clássico ensaio *Um teto todo seu*, de 1928, a romancista inglesa Virginia Woolf afirma que “a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende mesmo escrever ficção” (WOOLF, 1990 [1928], p. 6). É imprescindível se pensar na pluralidade da condição feminina, com recortes como classe, raça, entre outros, para se entender como as mulheres estarão inseridas de formas diversas nos mais variados contextos.

Somente na chamada segunda onda do feminismo, já na década de 1970, o

feminismo negro ganhou força, tendo como pauta de luta a condição da mulher negra como sujeito político, conforme enfatiza Djamila Ribeiro:

A segunda onda teve início nos anos 1970, num momento de crise da democracia. Além de lutar pela valorização do trabalho da mulher, pelo direito ao prazer e contra a violência sexual, essa segunda geração combateu a ditadura militar... No Brasil, o feminismo negro começou a ganhar força no fim da mesma década e no começo da seguinte, lutando para que as mulheres negras fossem sujeitos políticos. (RIBEIRO, 2018, p. 45).

Universalizar a categoria mulher, sem o recorte de raça e classe, traz uma exclusão dentro do próprio feminismo. Uma mulher negra não terá sua autoria analisada de forma separada em vida e obra. A subjetividade de sua vida atravessará as suas palavras. É o que a escritora Conceição Evaristo chama de *escrevivência*¹.

O silenciamento e/ou apagamento de grupos minoritários resulta, inclusive, no não aparecimento desses como cânones da literatura. Pensar a genealogia da escrita de mulheres negras é perpassar pela luta abolicionista e chegarmos ao entendimento que as mulheres negras afro-brasileiras fazem uso da literatura como importante arma de criatividade, assim como palco de resistência do sujeito da diáspora africana. Zilá Bernd (2003) aponta que os vários discursos de grupos discriminados “funcionam como o elemento que vem preencher os vazios da memória coletiva e fornecer os pontos de ancoramento do sentimento de identidade, essencial ao ato de autoafirmação das comunidades ameaçadas pelo rolo compressor da assimilação” (BERND, 2003, p. 13).

Fernanda R. Miranda (2019) ressalta a importância de se pensar a escrita de autoria feminina negra à parte da literatura brasileira, que tem sua construção canônica constituída majoritariamente por homens brancos, tentando assim compreender quem pode fazer uso do discurso, “a questão não é inquirir a literatura brasileira perguntando se a mulher negra pode falar, o ponto é: ela fala. Sua fala está publicada desde o século XIX pelo menos” (MIRANDA, 2019, p. 46). E essa fala acontece em forma de romance publicado, pela primeira vez, em 1859 com a maranhense Maria Firmina dos Reis em sua obra *Úrsula*.

¹ Escrevivência é o termo utilizado pela escritora Conceição Evaristo ao se referir ao encontro de sua obra e vida, ou escrita e vivência. A autora cunhou o termo para nomear seu procedimento narrativo onde mistura invenção e fato.

3 Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista negra brasileira

Maria Firmina dos Reis (1825-1917), mulher negra, maranhense, precursora na escrita feminina de romances brasileiros, sofreu ao longo dos anos um grande processo de apagamento de sua obra e com isso não se configurou junto aos clássicos da literatura brasileira. O seu romance de estreia, *Úrsula*, foi bem aceito, sendo inclusive noticiado e divulgado na imprensa maranhense. Porém ao longo da história, a obra sofreu total processo de apagamento, inclusive nos próprios estudos de literatura maranhense em que não aparece, sendo redescoberto por acaso já na década de 1970. A publicação de sua segunda edição acontece somente em 1975, mais de um século após seu lançamento.

Úrsula é também o primeiro romance de autoria feminina negra a ser publicado no Brasil, e o precursor na temática abolicionista. Dialoga com características do romantismo, visto o período em que a obra foi escrita e inaugura os caminhos da chamada literatura negro-brasileira. A temática de negritude é criada a partir do negro contando a história. O ‘eu’ da escritora negra está presente em sua narrativa, apesar de seu isolamento estético literário, junto a escritores negros, por meio da subjetividade negra na escrita. Segundo Zahidé Lupinacci Muzart (2000, p. 264 *apud* DUARTE, 2004, p. 10) “pela primeira vez o escravo negro tem voz e, pela memória, vai trazendo para o leitor uma África outra, um país de liberdade”

Maria Firmina dos Reis constrói a figura do negro como ‘homem’ e não como ‘escravo’, como era comum na literatura brasileira. Apesar disso, as personagens negras possuem poucas passagens no romance, com poucas falas, estando à margem do enredo principal. Pensando que o primeiro romance de autoria negra feminina foi escrito no século XIX, e ainda a existência de uma tradição romanesca na literatura brasileira, passados mais de um século e meio desde *Úrsula*, as mulheres negras ainda configuram com um baixo número de publicações no Brasil. No próprio prólogo do livro, Maria Firmina dos Reis nos dá esse direcionamento:

Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem; com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo. Então por que o publicas? – perguntará o leitor. Como uma tentativa, e mais ainda, por este amor materno, que não tem limites, que tudo desculpa – os defeitos, os achaques, as deformidades do filho – e gosta de enfeitá-lo e aparecer

com ele em toda a parte, mostrá-lo a todos os conhecidos e vê-lo mimado e acariciado. (REIS, 2018, p. 14).

A literatura nacional, em momento algum de sua história, se fez de rogada ao apagar e/ou silenciar essas mulheres e manter o espaço de privilégio da autoria branca, masculina e elitista como cânone literário, trazendo também para esse espaço o racismo estrutural². Maria Firmina dos Reis passou por um longo período de apagamento, mas atualmente vem sendo resgatada de forma marcante. *Úrsula* teve sua primeira publicação em 1859 e até 2017 contava com seis edições, já em dezembro de 2018 contava com dezoito edições, fato esse também muito estimulado por sua indicação de leitura obrigatória para diversos vestibulares.

4 As romancistas negras que vieram depois

Na literatura brasileira ter um romance escrito por uma mulher negra, ainda no século XIX, poderia nos remeter ao imaginário de que teríamos um campo profícuo. A historiografia literária reflete a forma como a sociedade brasileira vivenciava a inserção do negro como sujeito. Poderíamos contar com mais frutos, mais romances escritos, caso Maria Firmina dos Reis e *Úrsula* não sofressem um processo de apagamento na história da literatura no Brasil. Após a primeira publicação de autoria feminina negra, será necessário quase um século para que um segundo romance, de uma outra mulher negra, fosse publicado.

Não existe publicação desse gênero literário com autoria de mulheres negras por um período de oitenta e sete anos. Pensando a literatura como uma forma de comunicação que surge nos espaços que unem autor-obra-público, o conhecimento de como esses elementos se relacionam no tempo e espaço pode ajudar a compreender os caminhos pelos quais a literatura vai se construindo e se constituindo enquanto expressão de uma sociedade. Se a mulher não consegue visibilidade social, lhe negam seu lugar de fala na sociedade e na vida, ela também encontra maior dificuldade para se fazer presente na literatura.

O segundo romance de autoria feminina negra publicado no Brasil, *Água funda*, da mineira Ruth Guimarães, assim como no caso de *Úrsula*, também foi bem aceito e celebrado pela imprensa. Foi a primeira romancista negra a ser publicada após a abolição da escravatura. A autora faz parte do modernismo brasileiro e foi considerada a precursora do chamado realismo mágico brasileiro. São narrados os “causos” da região do Vale do Paraíba

² Para um maior entendimento sobre a conceituação de racismo estrutural buscar o livro **O que é racismo estrutural?** de Silvio Luiz de Almeida, onde são apresentados conceitos de raça e racismo relacionados a outras definições como, preconceito racial, discriminação e estrutura social.

e do sul de Minas Gerais, cujas muitas personagens são entrelaçadas pela oralidade, crenças populares e realidades do interior do Brasil. A autora teve uma extensa publicação, apesar de um único romance. Circulou pela classe intelectual de São Paulo, estudando na Universidade de São Paulo e manteve seu interesse na oralidade, folclore e cultura popular. Apesar da ótima aceitação, a segunda edição só aconteceu em 2003, com prefácio de Antônio Cândido e revisão feita pela própria autora.

O romance *Água funda* data sua publicação do mesmo ano da obra *Sagarana*, 1946, sendo este último uma coletânea de contos do escritor mineiro Guimarães Rosa, que tem como uma de suas principais características justamente a oralidade. *Sagarana* também tem como espaço o interior de Minas Gerais, por meio de povoados e vilarejos, tendo o universo do sertão como cenário, e vaqueiros e jagunços como personagens, tendo sua obra chamado a atenção pela ‘linguagem inovadora’ e regionalismo.

Sagarana é a primeira obra em prosa de Guimarães Rosa. *Água funda* é a primeiro romance de Ruth Guimarães. Não há aqui nenhum demérito ao que se refere a grandiosidade da obra de Guimarães Rosa. Homem branco, rico, médico, diplomata, pertencente a elite, torna-se cânone da literatura nacional. Ruth Guimarães foi a primeira autora negra que conseguiu ter uma importante projeção nacional, esteve sempre ao lado da intelectualidade e do centro literário, e mesmo assim são necessárias quase seis décadas para que aconteça uma segunda edição do seu romance.

Carolina Maria de Jesus publica sua primeira obra, *Quarto de despejo – diário de uma favelada*, em 1960. Nesse diário a autora narra seu cotidiano de mulher negra, moradora da favela e catadora de recicláveis. Fernanda R. Miranda (2019) aponta o sucesso de estreia da escritora:

Carolina Maria de Jesus entrou no mundo das letras de forma avassaladora. *Quarto de despejo – diário de uma favelada* (1960), seu livro de estreia, é uma obra paradigmática para a história editorial no Brasil. Os dados que a tornam um dos nossos maiores *best-sellers* nacionais são bastante conhecidos: nos três primeiros dias após o lançamento foram vendidos dez mil exemplares. A primeira tiragem, que inicialmente seria de 3.000 livros, passou a 30.000, esgotada em três meses somente em São Paulo. (MIRANDA, 2019, p. 159-160)

Quarto de despejo – diário de uma favelada foi a primeira obra de autoria feminina negra traduzida, e mantém ainda hoje Carolina Maria de Jesus como a autora negra brasileira mais traduzida para outros idiomas. Em 1963 a autora publicou seu primeiro romance, *Pedaços de fome*, sendo a obra o terceiro romance de autoria feminina negra publicado no

Brasil – *Úrsula* e *Água funda* são os precursores. A partir de então passaremos a ter uma maior regularidade na publicação das romancistas negras no Brasil.

Ruth Guimarães e Carolina Maria de Jesus saíram de Minas Gerais e foram viver em São Paulo, ambas no ano de 1937. As duas se definiam como mulheres pobres e negras. Seguiram trajetórias distintas. Carolina Maria de Jesus publicou seu segundo romance, *Diário de Bitita*, mais de vinte anos após o primeiro. Nesse intervalo, de 1963 a 1986, outros quatro romances, de três autoras negras – Anajá Caetano, Aline França (duas obras) e Marilene Felinto – são publicados no Brasil. As personagens negras já ocupam um outro espaço na literatura, não são imagens do negro estereotipado como ocorrera diversas vezes em outras obras, é o negro contando a sua própria história e mais uma vez a subjetividade da vida permeará a obra escrita. Porém, uma periodicidade anual na publicação dessas autoras só ocorre a partir de 2013, num total de vinte e nove romances publicados de 1859 à 2019.

Percorrer o caminho de mais de um século e meio desde a primeira publicação de um romance de autoria feminina negra nos leva aos dias atuais, em que temos uma autora negra como Conceição Evaristo. Ela chega atualmente ao seu terceiro romance – além da publicação de poemas, contos, ensaios – circulando entre os principais nomes da literatura brasileira, concorrendo a uma vaga para a Academia Brasileira de Letras, vencendo os mais diversos prêmios da literatura brasileira, como o Prêmio Jabuti³, e com diversas traduções (até mesmo em árabe, como aconteceu recentemente com o seu romance *Becos da memória*). O sucesso de Conceição Evaristo e de outras autoras negras é a concretização dos esforços que, em outros momentos, foram feitos para que ocorressem as publicações dessas autoras.

No ano de 2016, Conceição Evaristo lançou uma coletânea com doze contos e uma novela, *Histórias de leves enganos e parecenças*, pela Editora Malê⁴, a primeira publicação dessa nova editora e o primeiro livro que a escritora, aos 68 anos, lançou sem que precisasse de apoio de edital ou com a utilização de dinheiro do próprio bolso. O reconhecimento, apesar de todo sua trajetória profissional, veio tarde, mas hoje as condecorações ao seu trabalho são muitas. Nos últimos anos a autora recebeu diversos prêmios e homenagens, inclusive foi tema da Ocupação Itaú Cultural, em 2017 e ainda no mesmo ano recebeu o prêmio de Literatura do Governo do Estado de Minas Gerais.

³ Prêmio Jabuti é o mais tradicional do Brasil, concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL). Criado em 1959 com o interesse de premiar autores, editores, ilustradores, gráficos e livreiros com maior destaque anualmente.

⁴ Editora Malê foi fundada em agosto de 2015, no Rio de Janeiro priorizando a edição de textos de literatura (romances, contos, poesia e ensaios) escritos por escritoras negras e escritores negros brasileiros. Tem como objetivos bem específicos: aumentar a visibilidade de escritores e escritoras negros contemporâneos; ampliar o acesso às suas obras; e contribuir com a modificação das ideias preconcebidas sobre os indivíduos negros no Brasil.

Em junho de 2018, após forte e calorosa campanha pelas redes sociais – #ConceicaoEvaristonaABL – Conceição Evaristo se candidatou a ocupar uma vaga na Academia Brasileira de Letras. Mesmo com a maior campanha popular da história obteve apenas um voto, mantendo à ABL sua tradição de nunca ter tido mulheres negras entre os seus “imortais”. Ainda no mesmo ano, 2018, lançou mais um romance, *Canção para ninar menino grande*, pela Editora UNIPALMARES, estreia de seu primeiro protagonista masculino.

A série *Cadernos Negros* do grupo Quilombhoje⁵ e outras diversas antologias se tornaram a forma que a autoria negra encontrou para se fazer publicar. Os editais específicos, para escritores negros e as editoras que se especializaram em publicações da literatura negra brasileira, surgiram como iniciativas que propiciaram que essas autoras tivessem suas obras publicadas. Se hoje existe um maior número de publicações desses romances é porque existe uma demanda de leitura para essas obras e porque todo um percurso de coletividade foi construído no sentido de possibilitar que esses autores e autoras fossem lidos e conhecidos.

Considerações finais

Pensar o negro na literatura brasileira, de forma centrada no romance, desde a sua construção inicial como personagens estereotipadas, perpassando pelos romances em suas primeiras autorias femininas negras e chegar aos dias atuais, em que temos uma maior publicação dessas autoras, é entender a literatura como uma representação artística socialmente construída. A mulher negra sempre falou, e isso fica evidente quando encontramos a primeira publicação ainda no século XIX.

Apesar do apagamento sofrido por autoras como Maria Firmina dos Reis, Ruth Guimarães, dentre outras, não podemos dizer que essas mulheres sucumbiram ao silenciamento que tentaram lhes impor. Elas escreveram, publicaram, por vezes foram festejadas na mídia, circularam entre intelectuais, foram traduzidas e lidas. Se hoje o mercado editorial se abre a essa escrita, não de forma fácil, mas também não de forma quase inexistente, é porque existem leitores a espera dessas publicações. Mais do que trazer somente dor e sofrimento, ter o negro contando suas próprias histórias é dar voz a quem foi silenciado na literatura, propiciando que a história seja contada de um outro lugar.

⁵ Quilombhoje é um coletivo cultural e uma editora de São Paulo, responsável pela publicação de série *Cadernos Negros*, que são antologias publicadas anualmente desde 1978, com alternância entre poemas (nos anos pares) e contos (nos anos ímpares), que deram visibilidade para a literatura negra e também a produção literária das periferias.

A nossa maior referência na literatura negro-brasileira atual, Conceição Evaristo (2017) pontua que “para nós mulheres negras, escrever e publicar é um ato político... Publicar é um ato político para nós e precisamos jogar isso na cara de quem está aí para confrontar”. A construção literária do negro contado a partir de autores brancos sempre esteve disponível, e assim continua, em maior volume por meio de um maior número de publicações. Mas oportunizar que a autoria feminina negra se faça presente na literatura brasileira é acreditar que uma outra escrita sempre foi possível.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1999 [1966].

BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 26, p. 13-71, julho-dezembro de 2005. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077/8085>. Acesso em: 05 out. 2020.

_____. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte / Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura e afro-descendência*, 2004. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/150-eduardo-de-assis-duarte-literatura-e-afrodescendencia>. Acesso em: 14 set. 2020.

EVARISTO, Conceição. “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”. Entrevista a *Carta Capital*, 13/05/2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao->

evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/. Acesso em: 13 out. 2020.

GUIMARÃES, Ruth. *Água Funda*. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 2018.

MIRANDA, Fernanda R. *Silêncios prescritos: estudos de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)*. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Maria Firmina dos Reis. In: MUZART, Z. L. (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2. ed. rev. Florianópolis; Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres/EDUNISC, 2000.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula e outras obras*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, Mirian Cristina. *Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do Livro, 1990 [1928].

GEANDRA KARLA DE AVELAR CÔRTEZ

Mestranda na Universidade Estadual de Goiás, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI/UEG). Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/4791676427919602>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-3795-9621>

E-mail: geandrakarla82@gmail.com

JOSÉ ELIAS PINHEIRO NETO

Doutor em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Docente na Universidade Estadual de Goiás, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (UEG).

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/5176979314704270>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-9574-6451>

E-mail: joseeliaspinheiro@gmail.com